

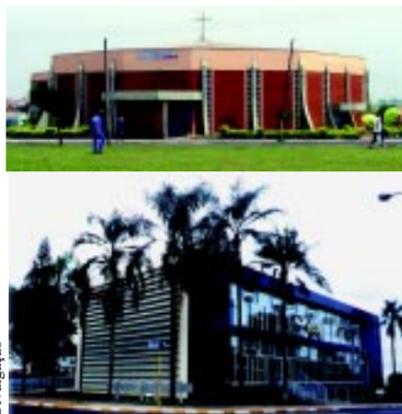
Doce sabor do desenvolvimento

“Cidade Doçura”. Título que Américo Brasiliense adotou depois de perceber que, na vocação agrícola natural do município, a produção de cana-de-açúcar se transformou na principal atividade econômica, apesar de ser a sede de apenas uma usina. Quem chega na cidade pelo entrocamento das rodovias estaduais Antonio Machado Santana e João Ribeiro de Barros logo descobre a usina lá embaixo, no vale, entre colinas verdejantes de cana-de-açúcar que esperam a hora do corte no período de safra.

A Usina Santa Cruz tem capacidade para moer 3 milhões de toneladas de cana, produzir 1 milhão e 200 mil litros de álcool por dia e armazenar 114 milhões de litros. A usina produz 25 mil sacas de 50kg/dia de açúcar. O plantio da cana é de mais de sete mil hectares e a previsão de colheita supera as 600 mil toneladas nesta safra.

Cerca de R\$ 150 milhões por ano são girados pela usina em pagamento de salários, insumos, compra de peças e de combustíveis. Durante a safra são empregados 4 mil trabalhadores, a maioria do município, que possui pouco mais de 28 mil habitantes. A força da cana, que responde por 90% da produção agroindustrial de Américo Brasiliense, tem reflexos diretos na economia local.

O Armazém Mercatello, maior supermercado do município, sente queda de 20% nas vendas durante a entressafra, conta a proprietária Ana Maria Cavallari Martello. Segundo ela seu negócio pode crescer 40% em faturamento, depende das negociações com a usina para o fornecimento de cestas básicas. “Se multiplicarmos o custo da cesta básica, R\$ 30, pelo número de funcionários, posso incrementar o faturamento em R\$ 105 mil por mês”. Exemplos como este mostram a im-



Igreja e Prefeitura de Américo Brasiliense

portância do agronegócio no município.

Segundo a Prefeitura Municipal de Américo Brasiliense, a agroindústria responde por mais de 50% do repasse do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) realizado pela Secretaria Estadual da Fazenda, cerca de R\$ 46.086.288,00 de um total de R\$ 80.400.000,00. O comércio e os serviços, com mais de 600 estabelecimentos na cidade, respondem por R\$ 32.526.157,00 e as 45 indústrias instaladas geram R\$ 1.787.555,00.

São números que foram construídos ao longo dos anos, desde 1947, quando a usina foi montada, na Fazenda Santa Cruz para substituir o café, que deixou de ser atrativo. Surgiu um novo ciclo de desenvolvimento econômico. O então distrito de Araraquara começava a ga-



nar importância. Com a construção do Hospital Samaritano Nestor Goulart Reis, em 1950, pelo governo de Adhemar de Barros, nascia a possibilidade de Américo Brasiliense caminhar pelas próprias pernas.

Em 1963 a população do distrito aprovou a emancipação em um plebiscito, e dois anos depois Antônio Pavan foi eleito o primeiro prefeito da nova cidade. O município nasceu preocupado com a qualidade de vida de sua gente. O pronto-socorro local realiza por mês cerca de nove mil consultas. A rede de esgoto e a água encanada atendem a 100% dos domicílios residenciais. Todas as escolas da rede municipal de ensino têm computadores e os mais de seis mil alunos estão *on-line* com o mundo.

Américo Brasiliense aposta na localização privilegiada. Situado na Bacia do Rio Mogi-Guaçu, região central do Estado, o município fica entre grandes centros como Araraquara (13 km), São Carlos (30 km) e Ribeirão Preto (70 km). Razão pela qual, um Distrito Industrial foi criado para atrair indústrias e trazer novos investimentos. Foram aprovadas leis de incentivo municipal que permitem isenção total de IPTU, de 50% do ISSQN, de taxas de licença para localização e funcionamento.

O desenvolvimento econômico e social dá ao município a perspectiva de um destino nobre, de sucesso, semelhante ao do homem que lhe emprestou o nome, Américo Brasiliense de Almeida e Mello, advogado republicano natural de Sorocaba, que teve importante papel na transição brasileira do Império para a República. Foi presidente das províncias da Paraíba, São Paulo e Rio de Janeiro. Construiu muitas amizades, entre elas, com Manoel Antônio Borba, que se estabeleceu no antigo povoado e decidiu homenagear o amigo ilustre.



A propaganda é a alma do negócio

Os comerciais de televisão da Campanha de Valorização Institucional da Imagem do Agronegócio da ABAG/RP, completaram um ano no ar. Na primeira semana de setembro de 2001, os cantores Gian e Giovani abriram a campanha. O apelo foi simples. A dupla, que é de Franca, lembrou que o couro do calçado que faz a fama e a riqueza da cidade é parte da cadeia produtiva da pecuária. De lá para cá foram produzidos 16 comerciais abordando o conceito de agronegócio, a geração de renda, divisas, empregos e a interdependência entre cidade e campo, entre outros temas.

Por desinformação, ou mania de desmerecer as coisas de sua terra, as pessoas multiplicam conceitos distorcidos arraigados na cultura local. Ainda é “conversa de comadre” criticar a quantidade de canaviais plantados. Por isso o mais novo comercial mostra que a área plantada no Brasil com cana, para produzir açúcar e álcool, é menor do que a área plantada no país com arroz e feijão.

O arroz e o feijão são destinados, quase que em sua totalidade, diretamente para o consumo doméstico, ao contrário do açúcar do qual apenas 20% do total produzido vai para os supermercados. 80% é consumido pelo setor industrial. As cenas de alguns exemplos deste uso



Imagens do comercial de televisão ABAG/RP

industrial foram gravadas na cidade de Ribeirão Preto, em fabricas de doces, balas, biscoitos e medicamentos. Em novas oportunidades serão mostrados outros usos possíveis do açúcar, como o plástico biodegradável, por exemplo.

O comercial ainda fala sobre a exportação de açúcar, que rende dólares e contribui para equilibrar a balança comercial brasileira.

A campanha não tem a pretensão de convencer a população, mas sim de esclarecê-la. Já são 12 meses ininterruptos no ar, com projeto de permanecer por mais um bom período, afinal de contas conceitos errados sobre o agronegócio vêm sendo disseminados há décadas. A sociedade tem o direito de

receber informações corretas sobre o maior e o mais importante setor da economia brasileira.

Na região de Ribeirão Preto, há um ano, a palavra agronegócio e a sua real dimensão eram praticamente desconhecidas. Hoje a população consegue perceber claramente a ligação entre o agronegócio e as pequenas coisas do seu dia a dia. O mais importante é que ficou mais nítido para todos porque a região de Ribeirão Preto é tão desenvolvida, porque consegue crescer, mesmo em tempo de crises, de onde vem a arrecadação dos municípios que é investida em saúde, educação, cultura, segurança, trabalho, bem estar social...

Editorial

O que o setor espera do novo governo?

A importância social e econômica do agronegócio para o Brasil é indiscutível. O maior setor da economia responde por 21% do PIB, 25% do valor da produção brasileira, 37% dos postos de trabalho (é o setor que mais gera empregos por unidade de capital investido), e nada menos do que 41% da pauta de exportações. O setor, que sempre foi superavitário, vem contribuindo de forma ímpar, ano após ano, para o equilíbrio da balança comercial, ao amortecer o resultado negativo gerado por outros setores da economia.

Mas o que dizer sobre a importância política do agronegócio no Brasil? O que esperar do novo governo?

Apesar de os impressionantes números revelarem a potencialidade e a dimensão do agronegócio, os sucessivos governos, ou por preconceito, ou por “miopia”, não vêem o se-

tor como a alternativa possível de curto prazo para se chegar ao tão desejado, prometido e necessário crescimento econômico.

O setor espera que o novo governo reconheça esta importância, que demonstre sua confiança e que tenha convicções para garantir, acima de tudo, ordem e tranquilidade, com pleno respeito ao Estado de Direito.

Com este compromisso e o empenho nas reformas das políticas públicas macroeconômicas e setoriais, na modernização das legislações e nas negociações nos fóruns internacionais de comércio, o novo governo contribuirá sobremaneira para a melhoria do bem estar social, com a geração de empregos e renda, e para a inserção definitiva do Brasil no cenário econômico mundial.

Mônica Bergamaschi

DOCE COMPETÊNCIA

A 10ª Fenasucro, que movimentou o setor sucroalcooleiro paulista de 17 a 20 de setembro último no Parque de Exposições de Sertãozinho, foi marcada pelo otimismo. No ano passado, a co-geração de energia foi o tema do Fórum e o centro das discussões como alternativa para reforçar a matriz energética brasileira. O país vivia os percalços do apagão. A possibilidade de uma nova crise no fornecimento não está descartada e há especialistas que acreditam que em 2004 poderá haver um novo racionamento de energia elétrica.

O assunto, como se vê, está longe de ser esgotado e merece estar na pauta de prioridades de qualquer governante. Mas o que marcou a Fenasucro deste ano foi outro tema, a perspectiva de retomada do programa do álcool combustível. O Programa Nacional do Álcool-Proálcool (de 1976 até o início dos anos 90) fez o mundo ver que o Brasil tinha alternativa viável para a crise do petróleo: o álcool combustível, e com grande apelo ecológico, por ser renovável e não prejudicar a camada de ozônio.

Há um novo cenário que favorece a retomada do álcool como combustível. Há dois anos, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), os veículos a álcool representaram 0,69% das vendas de carros novos (em 1984, chegou a 94,4%). Este ano, só no primeiro semestre foi de 3,3% e devem chegar a 5% até o final do ano. Para Ricardo Carvalho, presidente da ANFAVEA, começa a ocorrer o resgate paulatino da confiança do consumidor no carro a álcool.

O governo federal, por sua vez, anunciou a liberação de recursos, com juros de 9,5% ao ano, para a estocagem de 1 bilhão de litros de álcool para garantir preço e, sobretudo, o fornecimento do produto na bomba. O desabastecimento, no final da década de 80, foi uma das razões que abalaram a confiança do consumidor. Mas um novo horizonte traz boas perspectivas para o setor com iniciativas do empresariado, do produtor rural e mesmo do governo federal.

Entre as medidas, pode ser ressaltada a que foi assinada pelos governos do Brasil e Alemanha referente ao seqüestro de carbono, o primeiro desta natureza no mundo, que vai incentivar a produção de 100 mil veículos a álcool pela indústria automotiva brasileira. Para cada veículo vendido, a Alemanha subsidia R\$ 1 mil. As vendas serão dirigidas para a renovação de frotas para facilitar o controle e o cumprimento do acordo que, segundo o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Sérgio Amaral, deve entrar em vigor dentro de 60 a 90 dias.

O mundo de olho no Brasil

São várias as possibilidades de novos mercados para o álcool e para a tecnologia brasileira de produção. O governo federal tem discutido acordos internacionais para abrir novas fronteiras. Países asiáticos (China, Índia, Tailândia e Japão), União Européia, Suécia, Austrália e os países da Nafta (México, Estados Unidos e Canadá) ensaiam programas do álcool impulsionados por questões de preservação ambiental e de geração de emprego.

O Japão, por exemplo, pode vir a ser um dos mais fortes parceiros do Brasil, por duas razões: a construção de uma usina térmica movida a álcool e a adição do álcool anidro à gasolina. Como não há terras suficientes para plantio de cana-de-açúcar no Japão e o clima não favorece, os governos dos dois países estudam acordos de cooperação. Segundo o ministro do Desenvolvimento, Comércio e Indústria, Sérgio Amaral, o potencial do consumo japonês de álcool chega a 11 bilhões de litros/ano, o equivalente à atual produção brasileira. “Eles querem comprar álcool do Brasil, mas querem garantias de fornecimento contínuo”, afirma o ministro. Só este mercado, se confirmado, exigirá que o setor sucroalcooleiro nacional praticamente dobre a produção atual de álcool.

Não é por acaso que os olhos do mundo se voltam para o Brasil. É o país

que possui a mais sofisticada e desenvolvida tecnologia sucroalcooleira, desde o desenvolvimento de variedades de cana-de-açúcar, plantio, tratamentos culturais, colheita, processamento, produção de açúcar, álcool anidro e hidratado, cogeração de energia a partir da queima do bagaço da cana, além de vários outros subprodutos e do baixo custo de produção em relação a outros países. Portanto, é quem melhor pode atender às demandas externas destes produtos.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE ÁLCOOL Em bilhões de litros

Local	Volume
Brasil	12,50
São Paulo*	5,00
EUA	6,50
China	3,00
UE	2,00
Índia	1,70
Rússia	1,30
Arábia Saudita	0,40
África do Sul	0,38
Outros	5,22
Total	38,00

* Produção dos associados da Unica
Fonte: SE2T International, 2000/2001

Políticas e produção

Segundo a União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (Unica), “os eventos de 11 de setembro tornaram ainda mais evidentes os problemas de uma ordem econômica mundial excessivamente baseada num só energético, o petróleo, cujas fontes produtoras estão em regiões politicamente instáveis”. Com isso, abre-se caminho para a produção de energia limpa e renovável a partir da biomassa, como o bagaço da cana-de-açúcar por exemplo, uma alternativa energética viável para este século.

O presidente da Unica, Eduardo Pe-

reira de Carvalho, não disfarça o otimismo com as novas perspectivas. “Acho que estamos treinados para dizer o que os outros devem fazer, o que esperar do governo, da indústria automobilística, dos distribuidores de combustíveis. Devemos perguntar: o que nós devemos fazer?”, analisa.

Os produtores se mobilizam e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) parece responder em parte a esta pergunta. A Comissão Nacional de Cana-de-Açúcar da CNA quer criar um Comitê Consultivo para representar o produtor de cana no Conselho Interministerial do Açúcar e do Álcool (Cima). O comitê dividirá seu tempo entre o campo e as decisões do Cima na definição das políticas para o setor.

Segundo o presidente da Comissão Nacional de Cana-de-Açúcar da CNA, Edson Ustulin, caberá ao comitê a análise e a opinião sobre matérias específicas como oferta e demanda de cana-de-açúcar, açúcar, álcool e outros subprodutos. Por outro lado, busca-se também quebrar barreiras internacionais protecionistas para a conquista de novos mercados para o açúcar e o álcool. Um dos objetivos é transformar o álcool em commodity.

O futuro já começou

As perspectivas futuras para o setor sucroalcooleiro foi um dos assuntos discutidos no 1º Congresso Brasileiro de Agribusiness, realizado pela Abag em São Paulo, em junho deste ano, e que traçou o plano estratégico do agronegócio brasileiro para o período de 2002 a 2010. Cerca de 750 lideranças do setor debruçaram sobre extensa documentação técnica para traçar metas de expansão para o agribusiness brasileiro.

O relatório final do congresso indica que esforços concentrados de toda a cadeia produtiva podem levar o país a produzir 413 milhões de toneladas de cana-de-açúcar em 2010, contra a previsão de 380 milhões de toneladas se

mantido o ritmo natural de crescimento do setor. A exportação de álcool pode chegar a 2 bilhões de litros em oito anos e as vendas de carros movidos a álcool poderá atingir 200 mil unidades/ano.

São metas desafiadoras, mas tecnicamente possíveis, levando-se em consideração que em São Paulo o setor sucroalcooleiro é um exemplo do que o congresso conceituou como *agrichuster* (incorporação da metodologia de agribusiness, ou seja, da organização da cadeia produtiva, no caso, da cana-de-açúcar, e do *cluster* – os aglomerados locais) extremamente consolidado e competitivo em nível global.

São Paulo, o grande cluster

Levantamento realizado pela Unica revela a grandeza do setor sucroalcooleiro paulista. O Estado responde por 60% da produção nacional de açúcar e 70% das exportações. Das 307 usinas e destilarias do Brasil, 128 estão no Estado, que reúne 11 mil dos 60 mil produtores rurais do país e 400 mil trabalhadores de um total de 1 milhão de empregos diretos gerados pelo setor no Brasil.

Além da quantidade, São Paulo responde também pela qualidade. Enquanto na região Centro-Sul do país, responsável por 85% da produção brasileira de cana-de-açúcar, a produtividade média oscila entre 78 e 80 t/ha, em São

Paulo, a média está entre 80 e 85 toneladas por hectare, em ciclo de cinco a seis cortes, resultado dos investimentos em pesquisa e tecnologia e que faz o Estado ter também o menor custo de produção do açúcar.

100% Brasil

Não por acaso, o setor é referência internacional. A Fundacaña, órgão do governo federal da Venezuela possui convênio com três organismos brasileiros, todos paulistas (Copersucar, UFSCar e IAC), para desenvolvimento de variedades de cana que alcancem a melhor produtividade em solo venezuelano. Técnicos de vários países aproveitaram a 10ª Fenasucro para visitar usinas da região. Visitas de missões internacionais são constantes e comprovam que a importância do setor no Brasil e no mundo pode crescer ainda mais. O mundo todo está à procura de alternativas que possam ao mesmo tempo diminuir a dependência do uso do petróleo e a emissão de gases nocivos à natureza. O Brasil tem esta resposta há mais de 20 anos. Mas só agora, quando o meio ambiente está na pauta das grandes discussões internacionais, quando a população dos países desenvolvidos estão cobrando de seus governantes uma solução, é que o álcool como combustível “emerge” como a melhor alternativa.

Somos sim referência para o mundo. Precisamos começar a pensar com a cabeça do “primeiro mundo”, valorizar o que é nosso e negociar bem este produto 100% Brasil.

CUSTO DE PRODUÇÃO DO AÇÚCAR Em US\$/Toneladas

Local	Açúcar demerara	Beterraba (refinada)
São Paulo	165	-
Norte/Nordeste	200	-
Mundo (média)	320-364	612-737
Maiores exportadores (média)	268-334	535-713
Melhores produtores de frutose de milho	309	-

Fonte: LMC/Unica, 2000/2001